



Hoje é dia de baile

A importância do funk na cultura e economia das favelas.

PÁGINAS 3, 4 E 5

O nosso pulmão: Memória e luta por preservação da Mata

PÁGINAS 6 E 7

Justiça: Há 8 anos, Irone e Vitor buscam reparação em caso de violência

PÁGINAS 8 E 9

Pequeno no tamanho, grande no amor: Parque Rubens Vaz é a querida entre as comunidades vizinhas

PÁGINA 15



Mãe de Favela

Eternizando o amor pela própria mãe, o fotógrafo Matheus Affonso realiza pelo quarto ano o projeto que homenageia a maternidade.

PÁGINAS 10 E 11

Hoje é dia de baile

A importância do funk na cultura e economia periférica

ANDREZZA PAULO

O funk carioca foi o gênero musical brasileiro mais ouvido no exterior em 2022, de acordo com o canal de streaming Spotify, e sua importância como gerador de renda não é novidade. A economia gerada pelos bailes auxilia no sustento de centenas de moradores da Maré, além de incentivar a cultura periférica e proporcionar lazer para a população. Hoje um dos mais famosos bailes é o da Disney, na Vila do João, que atrai milhares de pessoas para a comunidade nos fins de semana. Os da Nova Holanda e do Parque União também não ficam para trás, ultrapassando as barreiras territoriais e alcançando multidões.

Os bailes funks acontecem na Maré com frequência desde a década de 1980. **Edina**

MATHEUS AFFONSO



Mc Cabelinho, um dos maiores destaques do funk atual, realizou show lotado no Baile da Nova Holanda, em março deste ano

Bezerra é mãe de três filhos e tira o sustento nos bailes há 16 anos, com sua barraca de bebidas. “Comecei porque a renda era pouca, trabalhava em casa de família, mas a

vida era muito difícil”, relata.

Seus filhos não moram mais com ela; se não há crianças que a tornam mal vista no mercado de trabalho, hoje são a idade e os problemas de saúde que fazem com que seja virtualmente impossível Edina arranjar um emprego: “Estou com 53 anos e não consigo mais trabalho com carteira assinada. Vim da Paraíba com 11 anos, trabalhei muito, sou hipertensa e já operei o joelho. Continuo nos bailes para pagar minhas contas e conseguir construir minha quitinete. Essa é a minha luta”.

Sem dados

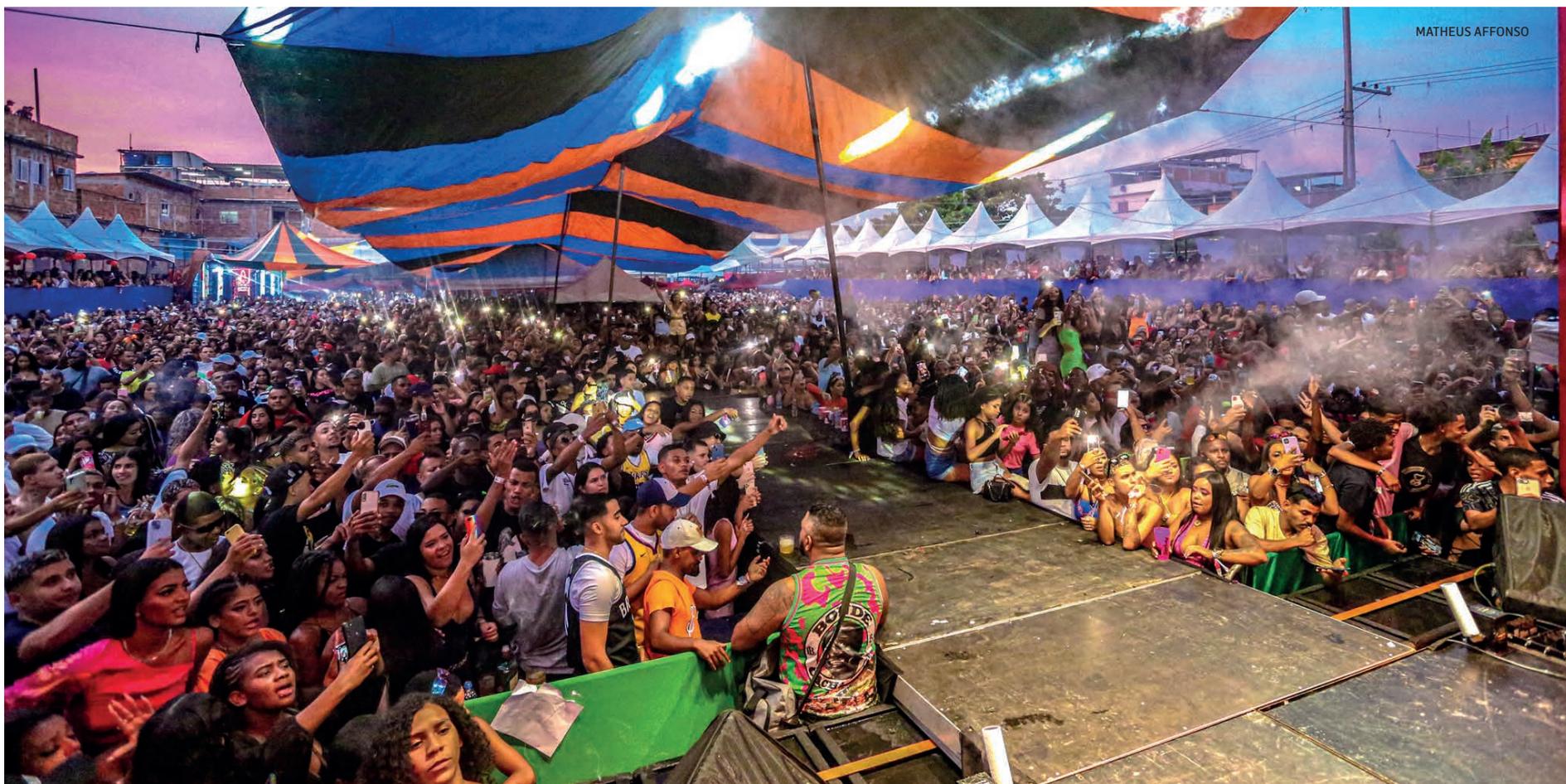
Mesmo importante como gerador de renda, o impacto do funk na economia não é avaliado há mais de uma década. Em 2009, o ritmo gerava mais de R\$ 10 milhões por mês para o estado do Rio de Janeiro, segundo dados de uma pesquisa divulgada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Em 2015, depois de apresentar sua pesquisa sobre os trabalhadores dos bailes no 2º Simpósio de Pesquisadores do Funk Carioca, o fotógrafo **Bira Carvalho** falou em uma entrevista à *Agência Brasil* sobre a importância dos bailes na economia dos moradores da Maré: “O funk gera renda para a comuni-



Os bailes funks acontecem com frequência nas ruas e quadras da Maré desde a década de 1980

MATHEUS AFFONSO



Iniciativas como *#estudeofunk* dão visibilidade às favelas no cenário musical e incentivam os jovens das periferias a acreditar em outras possibilidades através da arte, para o vendedor de gelo, para o rapaz que vende a bebida e a água, para o salão de beleza, o barbeiro, ele gera renda na questão da roupa para o baile.”

Fábrica de sonhos

O funk dá visibilidade às favelas no cenário musical e incentiva os jovens das periferias a acreditar em outras possibilidades através das letras das músicas. Em 2022, foi criado no Rio de Janeiro o *#estudeofunk*, um projeto artístico desenvolvido pela Fundação Progresso para, segundo o programa, “fomentar a cultura do funk carioca e profissionalizar artistas da nova cena musical”.

O projeto tem três ciclos de vivência, e selecionou em cada um deles 50 talentos do funk, incluindo MCs, beatmakers e bailarinos de passinho. Tudo acontece no estúdio equipado na sede da Fundação Progresso, na

Lapa; ali, uma equipe técnica especializada (muitos são crias de favelas cariocas como Vidigal, Cidade de Deus e Vila Kennedy) ajuda os artistas emergentes a produzir tanto as músicas como os clipes de divulgação,

Para **Taisa Machado**, diretora artística do *#estudeofunk*, o ritmo representa a coletividade e a voz das favelas: “O funk é o retrato das periferias urbanas do país. Ele é jovem, ousado e marginalizado. É o palco onde nossas vozes são ouvidas, onde nosso corpo é visto. É onde podemos mostrar nosso talento, ganhar dinheiro e realizar nossos sonhos. O funk é uma fábrica de sonhos”, explica.

Mulheres do Funk

Muito antes de a Mc Carol cantar proibidão na Europa, Ludmilla fazer uma participação no filme *Velozes e Furiosos* e Anitta chegar ao Top

Global Spotify com *Envolver*, as mulheres já desempenhavam um papel crucial no cenário do funk carioca.

Em 2005, Denise Garcia dirigiu *Sou feia mas tô na moda*, filme que mostra como o funk carioca se reinventou no início dos anos 2000, deixando de ser visto como um espaço quase que somente masculino, de brigas de corredor e violência, para se tornar “o funk do prazer”.

As maiores protagonistas deste fenômeno foram, sem dúvida, as mulheres: Verônica Costa, Bonde das Faz Gostoso, Gaiola das Popozudas, Bonde das Boladas, As Tchutchucas, Juliana e As Fogosas, As Danadinhas, Mc Kátia e Nem, Mc Sabrina, Valesca Popozuda, Deize Tigrona e Tati Quebra-barraco são os maiores expoentes. Esses nomes continuam a inspirar as funkeiras contemporâneas e não somente como MCs.

É o caso de Taisa, que além de diretora artística, é atriz, escritora, roteirista e “chefe” no Afrofunk Rio. “O Afrofunk tem como foco a memória e a equidade racial e de gênero”, conta. No final de 2014, ela decidiu juntar suas pesquisas em funk e danças de matriz africana e iniciar uma oficina para, segundo ela, “descolonizar os quadris”, mas não sabia onde isso a levaria. “O meu amor pelo funk e pelos bailes atravessou a minha vida e me levou para esse lugar que é estar no Afrofunk. Sempre curti um baile, mas nunca imaginei que ia ser reconhecida como uma pessoa que trabalha com funk.”

MC Carolzinha é moradora da Cidade Alta e iniciou no funk há mais de 20 anos. “O espaço que eu conquisto sendo mulher preta e periférica é muito importante por falar nas minhas letras o que eu penso, o que eu vivo,

o que eu conquisto. Apesar de o racismo estrutural ainda ser muito grande, hoje a gente consegue dialogar e ser ouvida, e me sinto privilegiada por fazer parte desse movimento”, revela.

A artista também fala dos desafios enfrentados como mulher no mundo do funk: “Nós damos a vida a um ser humano, sustentamos a casa, alimentamos uma família, então o sexo frágil, na verdade, é o mais forte da sociedade. Dentro desse movimento do funk, o nosso gênero sempre foi vulgarizado e fazer parte dele me trouxe mais posicionamento, me fez entender a mulher preta que eu sou, me fez abrir os olhos como mãe e como filha, e de enfrentar coisas que eu jamais saberia que existiam por trás dos muros da minha favela. É entender a mulher como potência não só do lar, como também potência da sociedade.”

Criminalização

O ritmo já era considerado “som de preto” quan-



DJ Rennan Valle toca em bailes de diversas favelas desde os 13 anos. Cria da Maré, hoje é DJ dos bailes do Parque União e Nova Holanda

do chegou ao país nos anos 1970, inspirado na música afro-americana de James Brown. Um dos nomes mais importantes para o desenvolvimento do funk foi o DJ Marlboro, que introduziu a batida eletrônica ao ritmo e lançou, em 1989, o CD *Funk Brasil*, que ganharia o Brasil.

Não demorou muito para o funk se integrar à cultura carioca e, alinhados com a batida extremamente dançante, os artistas ousaram criar letras que falavam abertamente sobre a realidade das favelas. Assim como a capoeira, o samba e outras manifestações culturais de raízes negras foram perseguidos no passado, o funk sofre constantes ataques e criminalização.

A lei estadual nº 5543, de setembro de 2009, definiu o funk como um movimento cultural e musical de caráter popular e de responsabilidade do poder público dar oportunidades e garantias para que o movimento tenha espaço para realizar suas manifestações. Além disso, os assuntos relativos ao funk deverão, prioritariamente, ser tratados pelos órgãos do Estado relacionados à cultura.

Para Taisa Machado, “o funk segue sendo perseguido pelo Estado, apesar de algumas iniciativas de incentivo e valorização já estarem ocorrendo. Em geral, ele é tratado com violência, como caso de polícia, e não como movimento cultural. O mais interessante nisso tudo é como a favela resiste”.

A produtora revela que, apesar do histórico repleto de desafios, o ritmo também avança enquanto cultura e movimento: “É o caso do #estudofunk, do Afrofunk Rio, da Casa Funk e de mais um monte de gente que está mergulhada nessa ideia de estudar e entender o funk carioca. Quanto mais soubermos sobre a nossa cultura, mais forte ela e nós ficamos. A meta é fazer o Estado e a sociedade reconhecerem a importância do funk, respeitar nossos bailes, nosso público e nossos artistas.”



Jornal do Brasil de 1992 classificava o funk como um movimento que levava “desesperança”

O pulmão da Maré

Memória e luta por preservação da área verde mais importante do território

TERESA SANTOS E HÉLIO EUCLIDES

Quem caminha pelo Parque Ecológico da Maré talvez não saiba que, há 80 anos, o local era o lar de macacos e peixes. Conhecida pelos moradores como “Mata”, a área de 44 mil metros quadrados abriga também uma flora rara e especial, como coqueiros imperiais, pinheiros e espécimes de pau-brasil.

No entanto, o parque sofre com a falta de manutenção há anos. Os moradores estão empenhados em manter o parque vivo, como **Agenor Linhares**, de 77 anos, que mora em frente à área e se dedica a capinar e retirar o lixo do lugar: “A limpeza do local pelos órgãos competentes só acontece de tempos em tempos, então faço a minha parte.”

Pulmão verde

Simone Cynamon é arquiteta e pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz) na área de habitação saudável. Segundo ela, a região da Maré é densamente ocupada e se situa em uma ilha de calor. “O ruído, a poluição atmosférica e, principalmente, o calor excessivo afetam o organismo humano como um todo: a visão, as pessoas ficam estressadas, têm doenças respiratórias”, explicou.



Mata tem área de 44 mil m² e árvores raras e especiais, como coqueiros imperiais, pinheiros e pau-brasil

Coordenadora do projeto *Maré Verde* do Eixo de Direitos Urbanos e Socioambientais da Redes da Maré (DUSA), **Mariane Rodrigues** reforça a importância do parque para a comunidade ao seu redor. Segundo ela, “percebemos que o espaço influencia na saúde da Maré. O que o local precisa é de reflorestamento,

capinação, iluminação pública, mobiliário urbano e mais brinquedos”.

A opinião dela é compartilhada por **Cláudia Lúcia**, presidente da Associação de Moradores do Parque Ecológico. Ela lembra que a Maré é cercada pela Avenida Brasil e pelas linhas Vermelha e Amarela, o que afeta a saúde respiratória de todos. “Aqui é o pulmão da Maré. Se não fosse o parque, a saúde dos moradores seria precária”, afirma.

Lazer é saúde

Além das árvores, o parque conta com 18 canteiros que fazem parte do programa *Horta Carioca* (que fomenta o cultivo de verduras e legumes na área) e duas quadras de esportes. Mas os benefícios não param por aí.

Os parques são espaços de convivência, como bem lembrou Mariane Rodrigues: “Se o espaço for deixado mais agradável, haverá maior interação entre os moradores.” Simone Cynamon destaca que uma área verde “é a parte viva das cidades”.

Considerados locais de tranquilidade, eles permitem o contato com a natureza e a contemplação do nascer do sol e do en-



tardecer, por exemplo. Podem ainda ser cenário de atividades lúdicas, educativas, culturais e para a prática de atividade física. “As áreas verdes urbanas têm a função técnica, estética, cultural, evolutiva e até espiritual”, lembra a pesquisadora da Fiocruz.

Vinícius Gama, diretor do grupo teatral Sempre Unidos, relembra a década de 1990, quando usava o palco do anfiteatro construído no local. “O espaço nos fortaleceu com uma população que nos ajudava e ainda lotava as arquibancadas”, afirma.

Ele sente falta do tempo em que o parque tinha ocas, banheiros, iluminação e churrasqueiras: “Havia piqueniques e encontros com crianças da igreja. Elas conviviam com a natureza e viam a Maré do alto. Essa é uma área importante que precisa ser preservada.”

Para Simone Cynamon, existem inúmeras formas de potencializar os benefícios que a Mata pode trazer — por exemplo, usando a área para a captação da chuva e o direcionamento da água para regiões desabastecidas da comunidade; para tratamento de esgoto; como ponto de coleta seletiva de lixo; e, até mesmo, para geração de energia limpa e renovável, como o biogás e até mesmo energia solar.

Só não vale deixá-lo abandonado. “Se temos um espaço desse que não está sendo

mantido ou que é subaproveitado, a perda é enorme para a comunidade em geral”, ressalta a arquiteta, lembrando ainda que, sem manutenção, a área pode se tornar um enorme foco de ratos, mosquitos e outros vetores transmissores de doenças.

Outros tempos

A área do parque fazia parte da Ilha do Pinheiro. Em 17 de julho de 1935, ela foi incorporada ao Instituto Oswaldo Cruz (atual Fiocruz). Segundo o livro *Um lugar para a ciência: A formação do campus de Mangueiros* (Editora Fiocruz, 2003), a instituição mantinha ali um laboratório e um museu de hidrobiologia (ciência que estuda a biologia aquática). Havia também um aquário marinho e tanques com peixes. O isolamento da ilha favoreceu ainda a criação em liberdade e a observação de macacos-rhesus (que não são nativos do Brasil).

Em 1949, o cenário começou a mudar. Os processos de aterramento, poluição e ocupação passaram a dificultar a continuação das pesquisas na região. Quanto menos isolada a ilha, mais fácil se tornava a fuga dos macacos para áreas agora habitadas, tornando os macacos uma ameaça às espécies nativas.

Um dos autores do livro sobre a criação do campus de Mangueiros, o arquiteto e urbanista **Renato Gama-Rosa**,



A área fazia parte da Fiocruz e abrigou tanques de peixes e laboratório de hidrobiologia

pesquisador do Departamento de Patrimônio Histórico da Casa de Oswaldo Cruz (DPH/COC) lembra que esse processo foi descrito pelo também pesquisador Léjeune de Oliveira (1915-1982) nas *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, de 1958.

“Ele aponta que a poluição foi causada, entre outros fatores, pela lavagem de navios e pelo despejo do esgoto não tratado, contaminando a área com resíduos de petróleo, lixo urbano e poluição fecal das áreas habitadas da Zona Norte”, explica.

Os estudos acabaram sendo descontinuados e, em 1980, os macacos-rhesus foram transferidos para o campus de Mangueiros da Fiocruz. Segundo Renato, ainda há descendentes dos primatas da Ilha do Pinheiro na instituição. Entre as atividades atualmente conduzidas com esses animais, estão estudos voltados para o desenvolvimento de vacinas contra doenças como leishmaniose e febre amarela.

No ano 2000, a área na Vila dos Pinheiros foi oficialmente batizada pela Prefeitura com o nome de Parque Ecológico da Maré. No ano passado, ele foi renomeado como Parque Municipal Ecológico Cadu Barcellos, em homenagem ao cineasta cria da Maré e morto em 2020.

Fala, prefeitura

A **Secretaria Municipal de Ambiente e Clima** (SMAC) informou que está elaborando um projeto de revitalização para o parque, incluindo a reestruturação do programa *Hortas Cariocas*. Segundo a pasta, há também estudos para a construção de uma praça e de um mirante, além de ações de reflorestamento. Para tanto, a secretaria afirmou ter realizado uma vistoria técnica no mês de abril para levantar as demandas e reavaliar a situação do parque.

A **Companhia de Limpeza Urbana** (Comlurb) está antecipando o cronograma de vistoria, e prometeu que visitará o local para avaliar a condição dos brinquedos e do mobiliário para, assim, programar os reparos necessários.

Procurada, a **Secretaria Municipal de Cultura** (SMC) afirmou manter contato e parceria com a Fiocruz na elaboração de um projeto grande para o parque, cujo andamento tem sido acompanhado pela Redes de Maré.

Até o fechamento desta edição, a **Fundação Parques e Jardins** não retornou o nosso contato.



Das poucas construções, existia uma oficina mecânica e as residências do mecânico e do zelador

Luta por justiça: a história de Irone e Vitor na Maré

Há 8 anos, mãe e filho buscam reparação em caso de violência durante a ocupação do exército



Vitor viu a vida mudar em fevereiro de 2015, quando foi alvejado por um soldado das Forças de Pacificação do Exército

HÉLIO EUCLIDES, JÉSSICA PIRES E MATHEUS AFFONSO

A vida de Vitor Santiago Borges mudou drasticamente há oito anos, na noite de 12 de fevereiro de 2015, quando o carro em que ele estava foi alvejado por um soldado das Forças de Pacificação do Exército, que ocupavam a Maré na época. Até hoje, ele aguarda uma resposta da Justiça e, mais importante, a indenização que vai dar a ele a chance de viver uma vida digna, com todos os cuidados de que ele precisa.

Já passava das 2h da madrugada do dia 12 de fevereiro quando Vitor e mais três jovens voltaram para a Maré depois de assistir a uma partida de futebol do Flamengo na Vila do João. Já no centro da comunidade, o carro onde eles estavam foi alvejado quatro vezes por um fuzil 762.

Duas balas atingiram Vitor. Uma entrou pelo tórax e atra-

vessou o pulmão e a medula, deixando-o sem movimentos do peito para baixo; a outra atravessou sua perna esquerda, que acabou sendo amputada. Os três amigos de Vitor que estavam com ele no carro (um deles havia se mudado para Manaus e passava férias no Rio de Janeiro) sofreram ferimentos leves.

“Lembro do barulho das botas no chão, das lanternas brilhando na minha cara, da textura do chão e do cheiro forte de diesel. Lembro de tudo”, conta Vitor. Entre apagões e flashes de memória sobre os momentos depois de ser atingido, ele fala sobre a visão das botas ao seu lado, o que fez ele entender que estava dentro de um tanque do exército.

Foram 98 dias de internação. Ele precisou ser entubado e receber transfusões de sangue, fez hemodiálise e cirurgias. Depois, Vitor precisou

passar por fisioterapia motora e respiratória, enfrentou medo e insegurança, e teve que se adaptar a mudanças em seu estilo de vida como morador da Vila dos Pinheiros.

Sem reparação

Vitor sonhava em viver da música, mas precisava trabalhar para, aos 29 anos, cuidar da filha de dois anos. Decidiu fazer um curso técnico e planejava cursar Engenharia. Em fevereiro daquele ano, ele foi desligado do emprego e estava na expectativa de curtir o carnaval carioca com os amigos.

Nada do que planejava se realizou depois dos tiros disparados contra o carro na noite de fevereiro de 2015. Com o retorno para casa e a necessidade de adaptações para lidar com sua nova condição de cadeirante, Vitor esperava receber apoio do Estado, mas isso não aconteceu. Atual-

MATHEUS AFFONSO

mente, ele tem apenas direito a atendimento no Hospital Geral do Exército. Vitor precisou se mudar e, para conseguir uma cadeira de rodas e uma cama adaptada, contou com doações de amigos, pessoas e organizações. Desde sua alta há oito anos, ele tem custeado seus próprios medicamentos.

Vitor descobriu, durante a internação, que era testemunha em um caso investigado pelo exército brasileiro, mas ainda não havia processo civil através do qual ele buscava reparação. Com o apoio de organizações que lutam em prol das vítimas da violência do Estado, a ação foi elaborada.

Em 2018, o juiz Sérgio Bocaluva Tavares de Oliveira Dias, da 5ª Vara Federal do Rio de Janeiro, julgou procedentes os pedidos de Vitor, determinando que o Estado pagasse indenizações por dano moral e estético e os custos com cuidadores e um veículo adaptado, entre outras demandas de natureza médica.

O caso ainda está em segunda instância, o que significa que o Estado pode recorrer da decisão. Em 2020, o cabo do exército Diego Neitzke, autor dos disparos de fuzil que atingiram o carro onde Vitor estava, foi inocentado pela Justiça Militar com base na teoria da “legítima defesa putativa”, ou seja, o militar alegou que atirou porque imaginou que estava sob risco.

Vitor afirma que tinha uma visão favorável da ocupação e até cumprimentava os soldados no início. Contudo, sua opinião foi abalada depois de vivenciar o lado perverso da ação militar que, em teoria, deveria protegê-lo.

Mãe não se cala

“Confesso que por um tempo eu tive medo, mas então percebi a força e a garra da minha mãe, e decidi começar a falar. Desde então, venho lutando. Infelizmente, minha mãe adoeceu e teve um aneurisma cerebral por causa do estresse. Ela sabia da injustiça na qual eu vivo e pela qual outras pessoas ainda estavam sofrendo”, reflete Vitor sobre a importância de sua mãe, **Irone Santiago**, durante todo o processo de cuidado e busca por justiça em seu caso.

Irone é uma costureira e mobilizadora do Eixo de Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes da Maré. Moradora da Vila dos Pinheiros, ela clama por justiça, lutando para que os culpados sejam obrigados a pagar indenizações que proporcionem casa e carro adaptados para o filho; compensação por danos morais e estéticos; e a continuidade da pensão por invalidez e do fornecimento de materiais médicos.

As mudanças na vida de Vitor fizeram com que a voz de Irone Santiago, em vez de se calar, falasse mais alto: “Ele disparou seis tiros, quatro atingiram o carro. Como um homem assim pode ser inocentado? Ele teve a intenção de matar. Ainda há um pro-



Vitor conta que no início sentiu medo de denunciar, mas percebendo a força e a garra da mãe, decidiu começar a falar em andamento contra a União e o Ministério da Defesa. Fico chateada com a demora. Temos que exigir justiça, com prisão e indenização.”

Apesar do sofrimento que dura quase uma década, Irone é firme em suas convicções e afirma que, se for necessário, vai até o presidente da República. “Estou muito revoltada ao ver meu filho, dependente até o fim da vida de uma cadeira de rodas. Temos a causa ganha, mas não recebemos nada. A imagem da justiça é cega, tem uma venda nos olhos, mas ela enxerga para

alguns. Meu filho é pobre e favelado; se fosse rico, será que as coisas seriam assim?”, questiona ela.

Pele como agravante

Para Irone, a desigualdade social e as questões raciais estão em evidência na favela. Segundo ela, “somos sempre prejudicados e vistos como restos da sociedade. Fazemos parte da cidade, mas mesmo assim a polícia entra atirando e colocando o pé no portão. A cor da pele é um agravante. Quando ocorre operação policial, a vida para. O que está acontecendo hoje é um genocídio dos mais pobres. Nossos direitos são constantemente violados, todos os dias”.

Como forma de unir forças, Irone fortalece grupos de mães e de mulheres que perderam seus entes queridos em situações de violência: “Sou a porta-voz de muitas mulheres que precisam ter forças para lutar. Pensemos no Dia das Mães; nesta data, todas as guerreiras vão lembrar que estão passando por violações do Estado. Não podemos calar a voz, que cobra do Estado que nos dê uma resposta.” Em

maio, acontece o VI Encontro Nacional de Mães e Familiares de Vítimas do Estado, no Espírito Santo.

Irone descobriu, no hospital, que seu filho era apenas uma testemunha no processo criminal instaurado na Justiça Militar (que culpava o amigo de Vitor, Adriano da Silva Bezerra, por ter “ignorado a ordem de parada dada pelos soldados”); foi quando ela começou a lutar para mudar a situação, e Vitor passou a ser autor da ação de indenização contra o Estado. Ainda hoje, persistem algumas perguntas sem resposta: “Por que não pararam o carro de outra forma? O veículo foi revistado na entrada da Vila do João, por que precisavam fazer o mesmo procedimento dez minutos depois? Ainda poderia ter havido mais vítimas. Foi uma total falta de preparo.”

A imagem de Vitor no hospital continua na mente de Irone, que teve que aprender a cuidar das feridas do filho, já que não teve direito a atendimento médico domiciliar. “É uma luta diária por resultados, mas vamos conseguir justiça”, conclui, com esperança.



Para Irone, a cor da pele é um agravante em casos de violação de direitos nas favelas

Mãe de Favela

O projeto “Mães de Favela” nasceu em 2019, pelas mãos do fotógrafo Matheus Affonso (@affonsodalua). A proposta é retratar mães faveladas nas portas de suas casas, com seus filhos.

“A ideia de homenagear mães de favela é a forma que encontrei para externalizar o amor e gratidão que tenho pela minha mãe, Claudia Faria Affonso. A partir do projeto, busco entrelaçar caminhos, narrativas, abraços, becos, vielas deste território construído por mulheres e movido por mães”, explica Matheus.

A edição de 2023 é uma parceria com a fotógrafa Arcasi (@arcasiarcasi), mãe do Valentim. Moradora da Nova Holanda, ela é uma ameduca e mediadora de leitura no projeto @leiturasnafavela.





Saúde bucal em dia

Mareenses têm quadro completo de dentistas nos postos de saúde

HÉLIO EUCLIDES

Quando se pensa em ir ao dentista, muitas pessoas têm medo da dor ou receio de gastar muito dinheiro. Os moradores da Maré têm acesso a consultas gratuitas sem sair da favela, nas clínicas das famílias e nos centros municipais de saúde. Porém, alguns reclamam da falta de profissionais e, por isso, o Maré de Notícias visitou duas unidades de saúde e constatou que, no momento, os quadros das equipes nestas unidades estão completos.

Na Clínica da Família (CF) Augusto Boal, em frente ao Morro do Timbau, há dentistas, auxiliares e técnicos de saúde bucal. Na CF Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda, a unidade abriu o consultório dentário em janeiro e conta com dois cirurgiões. Apesar da grande demanda, a equipe ainda visita as 16 escolas municipais do entorno, realizando trabalho educacional de saúde bucal.

Maria Aline, moradora do Morro do Timbau, elogiou a consulta que teve na CF Augusto Boal: “Foi ótimo, precisei de uma restauração e foi concluída com sucesso.” Já **Leônidas Araújo**, moradora da Vila dos Pinheiros e paciente da CF Adib Jatene, teve duas experiências diferentes ao tratar da saúde bucal.

Segundo ela, “minha gengiva estava inflamada e eu desejava um antibiótico, mas o dentista queria romper o inchaço, algo que não autorizei, pois tenho diabetes. O profissional não gostou, e só depois de muita insistência passou o remédio. Já com meu pai, que precisava extrair um dente,

deu tudo certo”, conta.

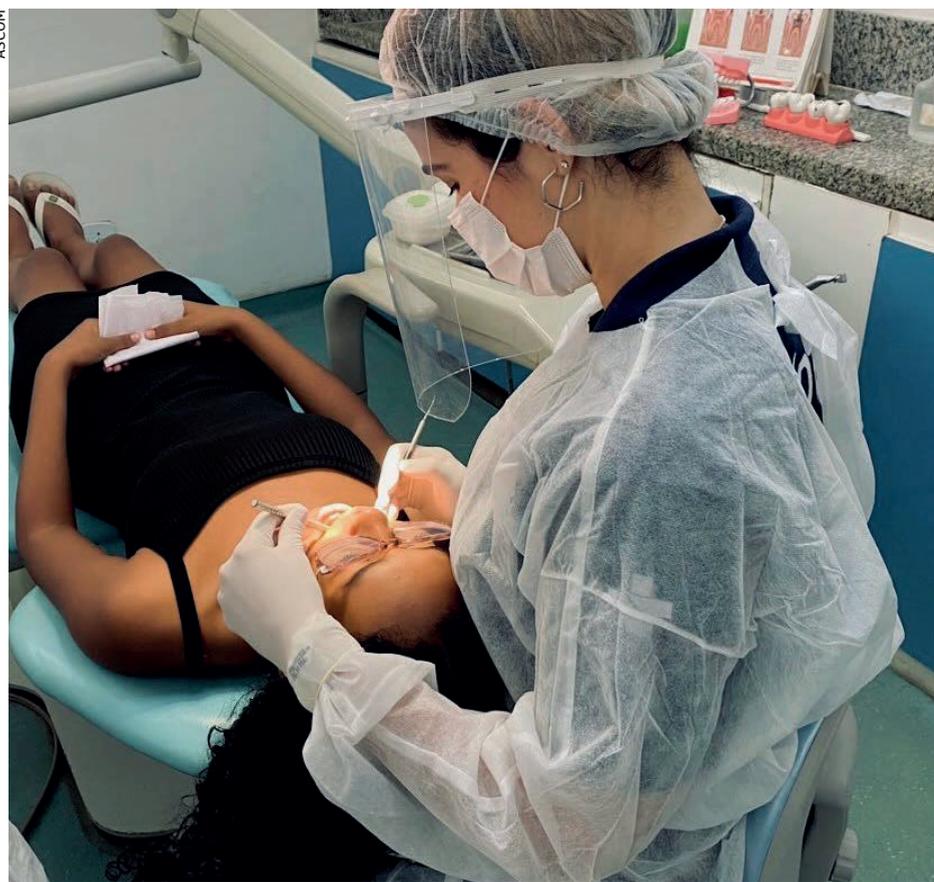
Em 2020, o Maré de Notícias relatou a situação do Centro Municipal de Saúde (CMS) Vila do João, que ficou interditado depois de ser atingido por fortes chuvas, especialmente o consultório dentário. A unidade de saúde passou por reformas e reabriu seus consultórios em setembro do ano passado.

Em abril deste ano, o consultório dentário da Vila do João passou por reparos de equipamentos e retomou o atendimento. No entanto, muitos pacientes ainda não sabem da conclusão dos trabalhos. Os funcionários pedem que os moradores retornem para consultas e atendimentos de serviços rotineiros como limpeza, tratamento de cáries e restauração, entre outros.

Prevenção sempre

Karla Gomes dos Santos trabalha como cirurgiã-dentista no CMS Américo Veloso, na Praia de Ramos. Ela destaca a importância da prevenção para evitar doenças bucais: “A boca é o cartão de visita da pessoa e a porta de entrada do corpo. A saúde bucal fornece sinais de advertência aos médicos para uma gama de problemas e doenças, incluindo cardíacas”, explica.

Um dos trabalhos realizados na Maré é o *Saúde na Escola*, que destaca a importância de cuidar dos dentes desde cedo. “As crianças voltam para casa sabendo dos benefícios da escovação, da prevenção e das visitas regulares ao consultório. Isso multiplica as informações, pois elas levam o que aprenderam para os responsáveis”, diz Karla.



Após reforma, odontologia da Vila do João ainda está com baixa procura de pacientes

O trabalho dos consultórios dentários do Sistema Único de Saúde (SUS) é fundamental na prevenção de mortes que podem ser causados por infecções. A atenção básica à saúde demonstra que a extração de um dente nem sempre é a melhor solução.

“É importante explicar aos adultos que a extração de um dente deve ser o último recurso, já que a falta dele pode afetar a mordida e causar consequências para os outros dentes. Outro problema é quando as pessoas só procuram um profissional quando sentem dor por causa de uma cárie. Alguns pacientes chegam ao consultório chorando. Para evitar esses transtornos, a saúde bucal é fundamental como ponto de partida para uma vida saudável”, conclui a cirurgiã-dentista.

Além de danificar os den-

tes, problemas na saúde bucal podem causar ou agravar males sistêmicos, como doenças cardíacas e diabetes. O atendimento odontológico também ajuda a diagnosticar precocemente o câncer de boca e as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) que se manifestam na cavidade oral.

Se você sente desconforto ou sensibilidade ao mastigar alimentos quentes ou frios, é importante procurar um dentista o quanto antes. Para manter uma boa saúde bucal, é fundamental ter hábitos diários como escovação e limpeza da boca. Além disso, é recomendado visitar o consultório dentário pelo menos duas vezes ao ano para prevenir doenças. Embora seja comum receber anúncios de profissionais e consultórios particulares nas ruas, isso é proibido pelo código de ética profissional.

Estrela solitária da Maré

Raí Silva Peçanha chegou ao Botafogo depois de participar de um torneio em São Paulo

HÉLIO EUCLIDES

Um drible, um toque de bola certo, gols em sequência, um chute indefensável. Essas são algumas das ações que podem destacar o jovem atleta de uma escolinha de futebol numa partida acompanhada pelo olheiro de um clube. A história de Raí Silva Peçanha, criado na Maré, começou na chamada peneira, o processo pelo qual um pequeno grupo de possíveis futuros jogadores profissionais é selecionado. Raí foi um dos poucos escolhidos e, assim, conseguiu chegar ao time de base do Botafogo. Depois de um desempenho excepcional jogando em um torneio paulista, acabou convocado para o time profissional do alvinegro carioca.

Hoje, aos 21 anos, Raí não esquece suas raízes e o início de carreira. Quem também se lembra é **José Daniel**, que se apresenta como captador de projetos e traz representantes de grandes clubes para a Maré. “Eu estava deprimido por causa de um jogador que descobri

e que foi atuar em um clube grande; a família dele fechou negócio com empresários que abandonaram os projetos da Maré. Fui assistir a um jogo do time Amigos Unidos, treinado pelo Alexandre Pichetti, e conheci Raí, um goleador. Ele jogava em vários times na Maré e fazia parte do *Projeto Uerê* de futebol”, conta.

Em outro jogo, o que Daniel pensava se confirmou: Raí era um jogador diferenciado. O menino fez três gols e isso abriu caminho para ele buscar um clube. “Nós o levamos para o Fluminense, ele participou de dois jogos, mas não se adaptou. Depois foram três meses no Madureira, mas acharam que ele tinha estatura pequena, por isso foi dispensado. As portas se abriram no Botafogo, pelas mãos de Bruno Lazaroni”, relembra Daniel.

O caminho foi longo. Este ano, o meio-campo Raí disputou a Copa São Paulo de Juniores, destacando-se nos passes, dribles e boas finali-

zações, e foi integrado ao time profissional, com a chance de se tornar titular.

Raí não teve vida fácil. Estudava na parte da manhã na Escola Municipal Clotilde Guimarães, próxima à passarela 10 da Avenida Brasil. Pegava o ônibus e enfrentava engarrafamentos na Avenida Brasil e, muitas vezes, na Ponte Rio-Niterói, a caminho do Estádio Caio Martins. O retorno também era difícil. Apesar das dificuldades, ele teve um bom desempenho nos campeonatos disputados, tanto no sub-17 quanto no sub-20. Foram oito anos de dedicação — Raí nunca faltou a nenhum treino. Nessa época, morava numa quitinete na Rua Evanildo Alves; depois, se mudou para uma casa na Nova Maré.

Projeto Uerê

O caminho do Raí até se tornar um atleta de destaque passou pelo *Projeto Uerê*, onde teve a oportunidade de contar com a atenção e os cuidados do seu diretor: Heitor Medeiros o acolheu em sua casa e o tratou como um filho durante dois anos. A experiência marcou o atleta, que faz questão de valorizar suas raízes e ajudar os que estão começando — ele ofereceu uma cesta básica a um menino da Praia de Ramos recentemente.

Para Medeiros, a harmonia é essencial na carreira de um atleta, e Raí leva isso como lema tanto em seus projetos de escolinhas na Maré quanto no Botafogo. Sua presença é admirada por todos na comunidade, e hoje ele já conta com mais de 120 mil seguidores no Instagram. Para o diretor da escolinha, a formação de caráter é algo que não tem pre-



Raí é meio-campista e promessa no Botafogo, e ele se realiza ao ajudar as crianças da comunidade.

Alexandre Pichetti, professor no *Projeto Uerê*, se orgulha de ter sido responsável por descobrir o talento de Raí. “O início foi maravilhoso. Ele veio de outra escolinha, onde teve um aborrecimento. Quando chegou no *Uerê*, senti outro tipo de tratamento e daí não saiu mais.” Pichetti acredita que as crianças da favela já nascem com habilidades, cabendo aos treinadores aprimorá-las.

Apesar dos benefícios do *Projeto Uerê* para as crianças da comunidade, o professor ressalta a falta de apoio dos governantes aos projetos sociais. Ele investe parte de seu próprio salário para manter o projeto funcionando, tentando amenizar a dificuldade em obter uniformes, calçados e alimentos. Mesmo assim, continua a dedicar amor e carinho ao trabalho que desenvolve na comunidade.



Heitor Medeiros, diretor do *Projeto Uerê*, acolheu Raí em sua casa durante dois anos

Programação Cultural de maio

LUCAS FEITOZA

LONA CULTURAL HERBERT VIANNA — Lona da Maré Itinerante

12/05 — Espetáculo *Anáguas*

Horário: 15h

Local: Casa das Mulheres — Rua da Paz, 42 — Parque União

12/05 — Favela Rock Mulheres

Horário: 19h

Local: Centro de Artes da Maré — Rua Bittencourt Sampaio, 181 — Nova Holanda

13/05 — Geografia Popular (produção Tô na Rua)

Horário: 10h

Local: Em frente à Redes da Maré

13, 20 e 27/05 - Oficina Leitura nas favelas

Horário: 10h às 12h

Local: Praça da Paz — R. Evanildo Alves

20/05 — *Clarín O griô* no Picadeiro

Horário: 15h

Local: Praça da Paz — R. Evanildo Alves

27/05 — Oficina de montagem LGBTQI — Montagem drag queen

Horário:

Local: Centro de Cidadania LGBTQI — R. Marcelo Machado, 51 — Nova Holanda

BELA MARÉ — Rua Bittencourt Sampaio, 169

17/05 — Espetáculo com Palhaço Afonso Xodó, Banda Rio e convidados

Horário: 15h

Um trabalho que cria afetos em um clima de alegria, humor, riso e destreza, provocando emoções e motivando transformações. Um encontro para celebrar a vida.

18/05 — CINEBELA

Horário: 16h

Exibição do filme *Orin - Música para os Orixás* (2018, direção de Henrique Duarte). Após a sessão, vamos dialogar

sobre as confluências afrodiáspóricas, refletindo a partir das tecnologias ancestrais que nos fortalecem e reconhecendo o Brasil enquanto território repleto de heranças ancestrais.

31/05 — Leitura convida Geovani Martins

Horário: 19h

O encontro pretende promover reflexões coletivas a partir de discussões sobre o livro *Via Ápia* e, juntamente com o autor, refletir através da leitura de seu primeiro romance sobre os efeitos perversos da guerra às drogas nos territórios e periferias cariocas.

MUSEU DA MARÉ — Avenida Guilherme Maxwell, 26

16/05 — Chá de Memórias

Horário: 15h

Em maio o Museu da Maré comemora 16 anos.

18/05 — Espetáculo *Super Herói Preto*

Horário: 13h

18/05 — Dia internacional de Museus com abertura da exposição itinerante *Maré e Manguinhos: Mulheres no enfrentamento à pandemia de covid-19 nas favelas*

Horário: 15h

20/05 — Atividade aberta ao público de encerramento da exposição *Marielle Marés*, no Museu da República (Rua do Catete, 153 — Catete)

Horário: 11h

30/05 — Última roda de capoeira do mês com o grupo Marés de Bambas

Horário: 18h

INSTITUTO DE PESQUISA E MEMÓRIA PRETOS NOVOS - Rua Pedro Ernesto, 32 — Gamboa

17/05 — *Códigos da Senzala* — Pales-

tra e oficina de cultura popular com a professora Ana Reis

Horário: 17h

17/05 — Show com a Cia Bantu

Horário: 19h

24/05 — *Literatura de Cordel: Definições*. Palestra com o poeta Victor Alvim Itahim Garcia (Victor Lobisomem)

Horário: 17h

24/05 — Desafio de repentistas, com Miguel Bezerra e Ednaldo Santos

Horário: 19h

MUHCAB - MUSEU DE HISTORIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA — Rua Pedro Ernesto, 80 — Gamboa

13/05 — Abertura da exposição *Fractal Afrofuturism*, de Steve Allen

Horário: 10h

13/05 — Roda de Samba Nego Álvaro Bar

Horário: 17h às 22h

13/05 — Apresentação teatral *Dando Ouvidos* com a atriz Maria Angélica Gomes, integrante do grupo Teatro de Anônimo

Horários: 9h30, 10h30, 11h30 e 12h

OUTROS

Forró — Praça do Parque União
Horário: sábados e domingos, a partir das 20hBaile da Nova Holanda
Horário: sábados, a partir das 23hBaile do Parque União
Horário: sexta e domingo, a partir das 23hBaile da Disney — Vila do João
Horário: sábados, a partir das 23h

Pequeno no tamanho, grande no amor

Para os seus moradores, Parque Rubens Vaz muito além de três ruas

HÉLIO EUCLIDES

Em 1954, nasceu o Parque Rubens Vaz, localizado entre a Nova Holanda e o Parque União. Na época, a área também era conhecida como Areal (devido à areia que era trazida pela drenagem e canalização do canal da Zona Portuária) e como Caracol (uma referência à Passarela 10, que tinha formato circular e ficava na entrada da favela). A ocupação teve início ao lado do canal do Rio Ramos, atualmente poluído e não mais um córrego, e sim um valão.

Com o tempo, os moradores aterraram a área usando carvão, serragem e entulho. Na nova favela, João Araújo foi uma das primeiras lideranças do lugar, que começava a organizar as construções e abrir as ruas. Os moradores retribuíram dando seu nome à nova favela (posteriormente, João Araújo virou nome de rua no Parque Rubens Vaz).

No entanto, depois do aterramento e de erguidas as casas de madeira, a construção em alvenaria foi proibida. A polícia também combateu o crescimento da favela. O advogado Margarino Torres defendeu o direito dos moradores, consolidando a ocupação. Em agradecimento, a favela mudou de nome e virou Parque Margarino Torres. Em 1965, mais uma vez a comunidade mudaria de nome, dessa vez em definitivo: o governo resolveu homenagear um major da Força Aérea Brasileira (FAB), e surgiu o Parque Rubens Vaz.

Nordeste ali do lado

Assim como em outros lugares da Maré, no passado era necessário atravessar a variante, hoje Avenida Brasil, para buscar água em barris conhecidos como rola-rola. Com o tempo, a população cresceu e novas lideranças surgiram, incluindo João Crisóstomo, ex-presidente da Associação Pró-Melhoramento do Parque Rubens Vaz, que recentemente recebeu uma homenagem com seu nome em um Espaço de Desenvolvimento Infantil.

Atualmente, o Parque Rubens Vaz possui duas creches, uma escola, um campo sintético e uma quadra coberta, além de muitas casas. A maioria dos moradores é provenientes do Nordeste, com desta-



A ocupação do Parque Rubens Vaz teve início ao lado do canal do Rio Ramos, hoje poluído e transformado em valão

que para os maranhenses, como lembra **Vilmar Gomes**, conhecido como Magá, atual presidente da Associação de Moradores de Rubens Vaz e que está na favela há 52 anos.

Magá lembra com carinho dos pioneiros de luta: “Eu me inspiro na liderança do João do Leite, que foi presidente da associação e da época da Comissão da Luz. Um fato que marcou quando eu tinha 17 anos foi quando o então presidente, Índio da Maré, quis acabar com o campo de futebol abrir um loteamento.”

Segundo ele, “na época, formamos uma comissão com 16 jovens, e conseguimos convencê-lo da importância do esporte e lazer. Também criamos a quadra, com esforço de trabalho em feira e engraxando sapatos”. O presidente lembra de outra liderança forte, Ricardo Ferreira, conhecido como Robô, que asfaltou as ruas, então de paralelepípedos.

Sem saneamento

Hoje, o que falta para o presidente é saneamento básico: “O que se faz é enxugar gelo. Os governantes precisam olhar com carinho para a drenagem dos valões e a limpeza das galerias de águas pluviais, algo que não é feito há séculos.

No verão, com as chuvas, a água ultrapassa o joelho dos moradores que moram próximos ao valão.” Magá lembra do tempo antes da poluição, e sente saudade de quando havia ali um riacho “limpinho”, onde se pegava tainha.

Antigamente, para chegar à Nova Holanda, era necessário passar pelo Beco do Seu Zé, que já não existe mais. Já para ir ao Parque União, era preciso percorrer a Avenida Brasil, pois não havia a Rua Principal. A abertura da rua ocorreu apenas em 1990. Para **Jader Lopes**, de 30 anos, cria da favela, é um privilégio morar perto da Avenida Brasil.

“Quando não tinha o conhecimento geográfico da Maré, falava com orgulho que o Rubens Vaz era o coração do bairro. O Parque é o primo queridinho das comunidades vizinhas. Uma pena que cresceu bastante a questão imobiliária, que deu fim à nossa praça”, diz.

Seu amigo **Douglas Oliveira**, de 27 anos, acredita que a história não pode ser esquecida. “É preciso lembrar que os nossos pais lutaram por moradia, por acesso à educação, entre outras políticas públicas. Precisamos fazer o mesmo pela família e pela favela”, conclui.

Confira os destaques no site do Maré de Notícias

(<https://mareonline.com.br>)

✓ Back2Black comemora os 60 anos do Dia da África

Programação traz artistas dos estilos afrobeats e amapiano – além da música tradicional do continente africano.

Para ler acesse <https://bit.ly/3NPbEOg> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Professora escreve livro inspirado em aluno autista

Livro *Eu sou assim: Vejo o mundo de uma forma diferente* foi escrito para crianças e ensina inclusão aos adultos.

Para ler acesse <https://bit.ly/3nSqjR> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Museu da Maré completa 17 anos de memória, cultura e arte favelada

Espaço permite que moradores entendam sua história a partir de uma visão sensível das favelas da Maré.

Para ler acesse <https://bit.ly/3pj3ItP> ou escaneie o código QR ao lado.



✓ Cria da Vila do Pinheiro, rapper Kaê Guajajara lança álbum celebrando a cultura indígena

Para celebrar o abril indígena e questionar a narrativa de que o país foi “descoberto”, a artista lança seu novo álbum.

Para ler acesse <https://bit.ly/3O20uEk> ou escaneie o código QR ao lado.



PICOLÉ

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Figuras Diretas

Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já está escrito como exemplo.

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA



#FaçaCoquetel @editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA!
www.coquetel.com.br



Solução

A	B	R	O	A
Ó	E	Z	N	E
A	L	A	V	A
C	O	L	A	C
P	E	D	R	A
R	M	I	H	S
I	O	H	I	E
H	L	I	O	
H	A	V	O	
C	A	R	T	
I	A	R	I	
C				

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

(21) 97271-9410